



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**DISCURSO DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO
POR OCASIÃO DA SESSÃO DE ABERTURA
DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
“MEMÓRIA E IDENTIDADE NACIONAL”**

**ORGANIZADA PELO
ARQUIVO E MUSEU DA RESISTÊNCIA TIMORENSE**

**Salão Nobre do MNEC
26 de Janeiro de 2015**



Palácio do Governo,
Avenida Presidente Nicolau Lobato,
Dili, Timor-Leste

Sua Excelência

Dr. Mari Alkatiri, Presidente da Autoridade da Região Administrativa Especial de Oe-cusse Ambeno e Ex-Primeiro-Ministro

Exmo. Senhor José Luís Guterres, Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação

Exmo. Senhor Abílio Araújo

Senhores

Reitores e membros da Comunidade Académica

Exmo. Senhor Padre Felgueiras

Senhores

Embaixadores e Representantes de Agências internacionais

Senhores

Representantes das Organizações cívicas, nacionais e internacionais

Senhores

Membros das Forças Armadas e da Polícia

Distinto Director do Arquivo e Museu da Resistência Timorense

Distintos oradores, convidados nacionais e internacionais, a esta Conferência

Distintos membros do Parlamento

Caros colegas, membros do Governo

Jovens estudantes

Senhoras e senhores,

Agradeço a honra que me foi concedida para abrir esta Conferência Internacional dedicada à Memória e à Identidade Nacional.

O Arquivo e Museu da Resistência Timorense promove, uma vez mais, a organização de um importante evento que nos vai permitir partilhar experiências e adquirir conhecimentos sobre o papel da memória, e as múltiplas formas que pode assumir, e a sua relação e contributo para a construção do complexo conceito que é a identidade nacional.

E acho que não posso falar da importância da memória e da edificação de sentimentos fortes e partilhados que esta pode originar, e que contribui para a construção da identidade nacional, sem referir a História. No primeiro módulo desta Conferência vamos ter destacados investigadores académicos a analisar a importância da memória para o futuro – sob o mote “sem memória não há futuro”. Eu diria mesmo que sem Memória não há passado, nem presente, nem futuro. Como podemos nós saber aquilo que somos, aquilo que queremos ser e aquilo que não queremos ser no futuro, se nos desligamos de todo o nosso passado, da nossa história.

A memória preserva e dignifica a História; a memória seja ela colectiva ou individual, seja sob a forma de um artefacto ou de uma carta, de uma espingarda, de um rádio ou de um testemunho oral. A memória é tudo isto e muito mais. A memória é, em última instância, cada um de nós, as nossas acções, os nossos testemunhos, a nossa vida.

É, por isso, imperativo para os nossos jovens, e fico satisfeito por ver aqui muitos jovens, conhecer e honrar a nossa história e a nossa cultura, para a construção de um futuro que integre adequadamente todos os timorenses, com respeito pela diversidade na unidade.

Timor-Leste, apesar de um pequeno país, orgulha-se da sua diversidade cultural resultante das inúmeras influências que o território sofreu ao longo do tempo. Assim, por razão de diversos grupos étnicos, encontramos uma diversidade linguística, representada pelas danças que praticamos, pela música, arquitectura, artesanato e até pelas nossas próprias representações mentais!

O espírito do nosso Povo foi forjado em tradições ancestrais e em crenças animistas que são parte importante da cultura indígena timorense, que foram mais tarde associados ao legado colonial português, permanecendo a fé católica e a língua portuguesa, e, ainda mais recentemente, à nossa história de resistência. Talvez por tudo isto, a nossa meia-ilha, encerra em si uma história e uma cultura únicas.

O Arquivo e Museu da Resistência Timorense é um representante e um guardião simbólico de muitas memórias, de memórias em si figuradas pelos artefactos que expõe, mas também de memórias contadas, escritas, lidas, filmadas, gravadas que ali são partilhadas com todos. O registo e a preservação das memórias constituem a meu ver um acto de patriotismo e todos nós devemos procurar proteger esta riqueza.

Excelências
Senhoras e senhores
Caros estudantes,

Sendo um país muito jovem, todos sabemos que também tem uma história muito antiga, resultado de uma construção iniciada há muitos séculos e assente na diversidade, na coragem, no sofrimento, na abnegação e na determinação.

E a memória é isso, é o registo deste passado, é a lembrança dos nossos antepassados e da nossa terra, é a inscrição sob diversas formas de tudo aquilo que contribui para reconhecermos a existência de algo, que se transmite no que chamamos conhecimento.

Ainda este ano, iremos celebrar os 500 anos da chegada dos portugueses a Lifau, local onde atracou a primeira nau portuguesa, portugueses atraídos pelo sândalo salutar e cheiroso. Aqueles primeiros contactos marcaram a nossa identidade histórica, cultural e linguística que nos distinguiu e distingue das milhares de ilhas ao nosso redor.

Ainda na nossa história recente, vivemos um período de 24 anos que resultou na criação de muitas memórias trágicas e dolorosas e que hoje consubstanciam uma

memória colectiva partilhada que, sem dúvida, reforça este sentimento de ser Timorense. Um sentimento que é um orgulho, é uma emoção, é uma esperança, mas que marcou profundamente a nossa maneira de ser e agir e que temos procurado orientar de forma positiva no processo de construção do Estado e da Nação.

Todo o esforço feito foi para nos distanciarmos do conflito e nos aproximarmos dos valores que escolhemos para o país, e que são baseados na reconciliação, na igualdade, na tolerância, na solidariedade e no diálogo e respeito mútuo.

Temos de ser capazes de preservar e de partilhar as nossas memórias, temos de valorizar a humanidade que subsiste ao conflito e ao sofrimento que origina. Milhares de timorenses tomaram pelo ideal da liberdade e hoje temos pois a obrigação de garantir que este ideal é preservado acima de tudo.

Uma das missões fundamentais do Estado timorense é assegurar que os heróis da libertação nacional são homenageados enquanto parte integrante e central desta memória colectiva que construímos dia após dia e que reforça a nossa identidade nacional. A história da resistência deve pois ser contada, representada, testemunhada, ouvida, lida, acima de tudo, nunca ser esquecida, porque ela representa muito do que hoje somos, porque a ela devemos a nossa liberdade, a nossa pátria, o nosso Timor.

Estou certo de que os testemunhos recolhidos ao longo dos anos por este país fora, o trabalho de campo realizado por especialistas nacionais e internacionais na recolha e tratamento de documentos históricos e de testemunhos orais, e que são hoje espólio fundamental do património do país, serão alvo de adequada abordagem. Até porque é fundamental assegurar que as memórias não são apropriadas de forma indevida, por interesses que minem e condicionem a História.

Temos aqui entre nós historiadores e especialistas em “arquivos da memória” que podem dar um testemunho rico e importante sobre a necessidade de se reunir e proteger fontes de informação, que nos ajudam a compreender o passado, que nos ajudam a compreender a nós próprios, pois somos, sem dúvida, e como já referi, resultado deste património histórico, cultural, social, sempre parte das memórias que recolhemos, registamos, protegemos.

É pois fundamental garantir que apostamos na formação e investimos no desenvolvimento da investigação e no estudo das ciências sociais, e que as nossas universidades, museus e arquivos, e outras instituições relevantes, promovam a análise e pensamento críticos, o estudo e a produção de conhecimento tão fundamentais para a construção de uma sociedade moderna e humanista, capaz de ultrapassar os sentimentos de ódio e vingança, mas que, ao mesmo tempo, não esquece nem apaga as suas memórias.

E é muito interessante como a memória, na sua vertente colectiva, consegue ao mesmo tempo distanciar-nos e aproximar-nos do outro, do não timorense. Se por um lado a memória colectiva pode reforçar a nossa identidade nacional, ao mesmo tempo aproxima-nos de uma identidade mais global. Sendo a nossa história o produto de uma vivência partilhada com outras gentes e culturas, umas vezes imposta outras vezes livre, a verdade é que as memórias são cruzadas, são enriquecidas também pela diversidade do outro.

E a tolerância na nossa sociedade, valor que prezamos e defendemos, será tanto mais reforçada se não excluirmos da nossa memória colectiva os outros.

E temos exemplos positivos que nos aproximam dos outros, fruto de uma partilha de valores comuns. A pertença a fóruns políticos, sociais, económicos, linguísticos, culturais, de cariz regional ou internacional, são um demonstrativo da necessidade que os Estados e as sociedades têm de fazer parte de algo maior, de algo que lhes dê força, sentido de pertença.

Senhores e Senhoras,

E porque a conferência de hoje versa também o tema da Identidade Nacional, não posso deixar aqui de me alongar um pouco sobre a questão da identidade que exige, nos tempos que correm, um debate fundamental.

Tanto quanto sei, a questão identitária é extremamente complexa e, diria mesmo, delicada, em particular no mundo globalizado de hoje, podendo originar tensões e até mesmo conflitos. A diversidade cultural é um fenómeno tão antigo quanto a própria humanidade. No entanto, a coabitação e interacção constante dessas diversas culturas e dos indivíduos que as representam, pode provocar aquilo que chamamos de crises de identidades.

No mundo global de hoje, onde o acesso ao conhecimento, à cultura e aos mercados, é de tal forma generalizado que não conhece fronteiras, nem obstáculos temporais, existe também a tentação de tentar hegemonizar valores e conceitos, sem respeito pela diferença, eu, diria mesmo, “pelo outro”.

Nos dias de hoje, em que se cometem barbaridades na suposta defesa da “identidade” de certos grupos, é de facto importante reflectir sobre este tema complexo. O desafio coloca-se sobretudo ao mundo ocidental, também este herdeiro de uma série de influências e pensamentos do “resto do mundo”, que deve ponderar as suas abordagens em relação aos outros.

É essencial promover a tolerância e o respeito mútuo nesta era da globalização. Respeito pelos outros, pelas suas crenças, pela sua religião, pela sua cor, pela sua cultura! O mundo é mais rico e interessante porque existem “muitos outros”. Podemos ser fiéis aos nossos valores sem nos sentirmos ameaçados pelos valores dos outros. Falta, então, coragem no mundo para escolher a tolerância em detrimento da discriminação.

Também em Timor-Leste temos que valorizar a tolerância e promover a unidade na diversidade, tão importantes para a nossa estabilidade e desenvolvimento. A identidade nacional timorense deve ser construída sob estes pressupostos, fazendo assim jus à nossa tradição de reconciliação. É importante que os nossos jovens perpetuem esta tradição de reconciliação e diálogo no futuro, assim como sejam capazes de unir os timorenses pela causa maior que é o desenvolvimento do país, como os seus pais e avós se uniram no passado pela causa de libertação nacional, honrando assim as suas memórias e a nossa história colectiva.

Temos consciência que uma ameaça grave à reconstrução saudável da nossa identidade nacional, são as desigualdades de oportunidades e as desigualdades económicas e sociais que levam obviamente a insatisfações e estas últimas ao conflito e à instabilidade.

Temos que aprender com o nosso passado, como é o caso da crise que vivemos em 2006 que não devemos, não podemos nunca esquecer. Esta crise revelou a fragilidade das nossas instituições e os conflitos de ordem económica, política e sociocultural e resultou num clima de insegurança, centenas de milhares de pessoas internamente deslocadas e incomensuráveis danos, políticos e financeiros, ao Estado.

É fundamental recuperar o orgulho em ser timorense, não no sentido de outrora em que se formou uma “identidade de resistência” mas sim na necessidade actual de desenvolvimento nacional e afirmação internacional, construindo um Estado-nação pacífico, tolerante e pluralista.

Excelências
Senhoras e Senhores
Caríssimos jovens,

Como sabem, Timor-Leste preside pela primeira vez à Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa. Esta comunidade, que junta países de quatro continentes, partilha mais do que uma língua, partilha história, partilha cultura, partilha memórias.

E partilha também, e isto é especialmente sentido em Timor-Leste, actos de solidariedade indescritíveis em momentos trágicos e de profunda angústia, sofrimento e isolamento, e onde são, aqueles que partilham memórias comuns, os primeiros a chegar e a oferecer a sua amizade e apoio, sem nada pedir em retorno. Este foi o caso de Timor-Leste que recebeu o apoio incondicional dos países e povos irmãos da CPLP.

Também por esta razão, faz sentido que em momentos de paz, estabilidade e crescimento, sejam estes países os naturais parceiros de desenvolvimento. Este é o espírito da CPLP: melhorar a vida dos seus povos, através da mobilização de vontades e diligências político-diplomáticas mas também de recursos humanos, científicos, tecnológicos e financeiros, que levem o desenvolvimento e o progresso a cada um dos cidadãos.

Fico, por isso, muito satisfeito por ver aqui representados os países amigos da CPLP, através de ilustres conferencistas a quem tenho que agradecer o facto de se deslocarem a Timor-Leste para oferecer os seus conhecimentos e assim cooperar no desenvolvimento deste tema que é tão relevante para nós timorenses.

Por último, senhoras e senhores, não posso terminar sem agradecer à direcção e funcionários do Arquivo e Museu da Resistência Timorense, pela organização desta importante conferência, assim como às organizações e fundações que a patrocinaram, tornando assim a sua realização possível. Em especial, gostaria de deixar uma palavra de apreço à Fundação Mário Soares que, desde o primeiro momento, tem sido um importante parceiro técnico e científico do Arquivo e Museu.

Timor-Leste é um país rico, não pelo petróleo mas pelas nossas gentes, pelo nosso povo. A memória é pois o conhecimento que vamos alimentando e transportando para o presente e para o futuro e que nos ajuda a ser quem somos.

E só quando nos conhecemos a nós mesmos, quando conhecemos a nossa história e a nossa cultura, somos capazes de compreender e aceitar os outros, edificando uma sociedade pluralista e tolerante.

Estou certo que nesta Conferência para além de se abordar aspectos mais científicos sobre os processos de arquivo, de preservação, de métodos de recolha de informação, entre outros, nos vai permitir acima de tudo partilhar e construir novas memórias. E devo dizer que me sinto profundamente honrado e feliz por vir aqui a esta Conferência e poder fazer parte da memória colectiva deste meu país, Timor-Leste.

Muito obrigado.

Díli, 26 de Janeiro de 2015.
Kay Rala Xanana Gusmão